



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 10 de junho de 2012

A CRITICA Influência japonesa cada vez mais forte em Manaus..... DINHEIRO	1
A CRITICA Influência japonesa cada vez mais forte em Manaus (continuação) DINHEIRO	2
A CRITICA Indústria solidária..... ECONOMIA	3
A CRITICA Empreendedorismo local ECONOMIA	4
AMAZONAS EM TEMPO ZFM: os indicadores da desindustrialização ECONOMIA	5
AMAZONAS EM TEMPO Arthur Virgílio Neto 'Só com amplo apoio'.....	6
AMAZONAS EM TEMPO Arthur Virgílio Neto 'Só com amplo apoio' (continuação)	7
DIÁRIO DO AMAZONAS Desfalcada, Comissão de Ética julga ministro Fernando Pimentel POLITICA	8
DIÁRIO DO AMAZONAS FUCAPI..... ECONOMIA	9
MASKATE Polo de Duas Rodas em crise MANCHETES	10
MASKATE Polo de Duas Rodas em crise (continuação) MANCHETES	11

Influência japonesa cada vez mais forte em Manaus

Investimentos de origem nipônica definiram a cara da ZFM. Hoje, modelo busca nova leva de aportes para ter mais competitividade.

JOUBERT LIMA
joubert@acritica.com.br

Há mais de 80 anos, Amazonas e Japão mantêm uma relação de parceria, com a chegada dos primeiros migrantes em 1930. Décadas depois, os japoneses desempenharam um papel fundamental na consolidação da Zona Franca de Manaus. Quando o projeto começava a sair do papel, as grandes empresas japonesas foram as primeiras a acreditar no novo modelo. Hoje, os japoneses continuam como os maiores investidores do Polo Industrial de Manaus (PIM), com US\$ 2,917 bilhões, mais que o dobro da segunda colocação, ocupada pelos norte-americanos.

E essa parceria tende a se estreitar com o interesse crescente por parte de diversas empresas de capital japonês em fazer investimentos no Amazonas, conforme afirma o cônsul geral do Japão em Manaus, Hajime Naganuma. "A indústria japonesa não pode ficar estancada, está sempre buscando novas possibilidades, e o Brasil se apresenta como uma grande opção", diz.

O consultor empresarial Teruaki Yamagishi lembra que, em Manaus, o capital japonês está distribuído em vários segmentos, e não apenas no eletroeletrônico - com gigantes como Sanyo, Sony, Panasonic e Pioneer -, e duas rodas, setor liderado por Honda e Yamaha. Pouca gente sabe que o emplastro Salonpas, do laboratório japonês Hisamitsu, é produzido em Manaus. A Noritsu opera em soluções para impressão; a Orient man-

SERVIÇO

SHARP
Foi a primeira grande marca japonesa a aportar na ZFM. Encerrou atividades na década de 90.

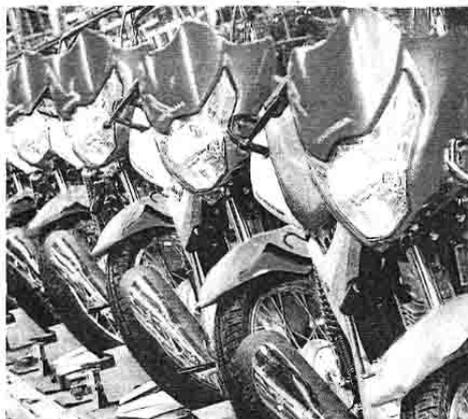
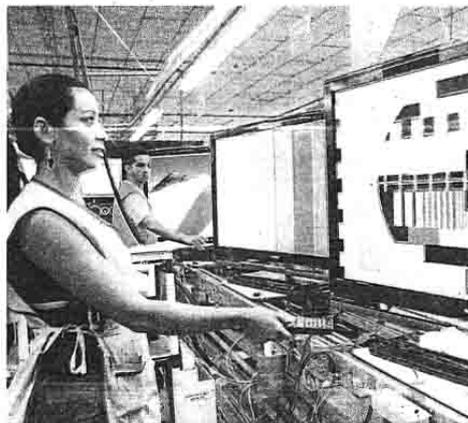
HONDA
Pioneira do polo de duas rodas, é um dos maiores empregadores do PIM.

PIONEER
Fabricante de autorrádios que está diversificando a produção em Manaus.

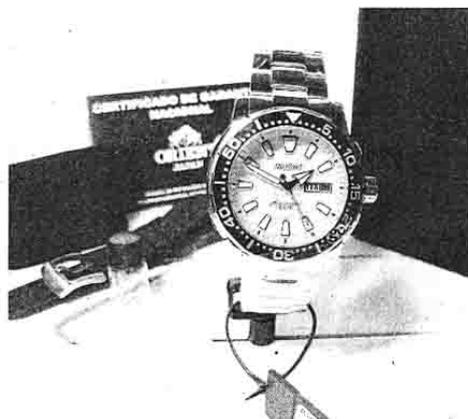
HISAMITSU
Os famosos emplastos Salonpas são produzidos na Zona Franca pela Hisamitsu.

NISSIN
Não é a marca de macarrão instantâneo. A Nissin Brake do Brasil produz freios para motos.

PANASONIC
Uma das gigantes do segmento de televisores, um dos mais fortes do PIM.



Além de motocicletas e televisores, fabricantes japoneses também atuam em áreas diversas como indústria farmacêutica, relojoeira e fotográfica, entre outras



tém-se firme na fabricação de relógios, só para citar alguns exemplos.

Ao todo, são 35 empresas japonesas em plena atividade, responsáveis por 25% do faturamento do PIM e por 20% dos empregos de todo o polo.

A primeira grande empresa de eletroeletrônicos a aportar na Zona Franca foi a Sharp, em 1970, fabricando calculadoras. "Naquela época, não tinha Distrito Industrial, a Zona Franca ainda estava praticamente no papel", lembra o consultor. Os

GRÁFICO

Presença de Peso

Atividade de empresas japonesas responde por 1/4 de faturamento do Polo Industrial de Manaus.



bons resultados da Sharp foram fundamentais para a atração de Sanyo e Toshiba, esta em associação com a brasileira Semp. Estava pronta a base para o polo eletroeletrônico. Empresas brasileiras como CCE e Gradiente vieram no lastro.

O segundo grande polo da Zona Franca, duas rodas, também começou com uma iniciativa nipônica, com a chegada da Moto Honda, em 1975. "A essa altura, o PIM era, basicamente, brasileiro e japonês, com poucas exceções como a holandesa Philips.

Para Yamagishi, a migração japonesa na década de 30 - com novos fluxos nos anos 50 e 60 do século passado - acabou tendo um reflexo determinante na atração de investidores daquele país para a Zona Franca. Para o consultor, a presença dessas comunidades torna o Amazonas um destino simpático aos orientais. Essa influência estendeu-se ao comércio e até à mesa do amazonense, com a disseminação do consumo de hortaliças, por exemplo. "Sempre foi uma relação muito positiva", diz.

FRASE

"Foi esse investimento dos japoneses que realmente começou a Zona Franca de Manaus."



TERUAKI YAMAGISHI
Consultor empresarial

"O Japão já ocupa importante espaço na indústria e na identidade brasileira. Essa base é muito importante."



HAJIME NAGANUMA
Cônsul geral do Japão

Manaus, domingo, 10 de junho de 2012.

Influência japonesa cada vez mais forte em Manaus (continuação)

Parceria é opção para competitividade

Transferência tecnológica do Japão pode preparar indústria nacional para concorrência

O cônsul geral do Japão em Manaus, Hajime Naganuma, atesta o interesse de seu país em alargar a parceria com o Brasil e vê esse movimento como uma alternativa para elevar a competitividade da indústria nacional. O diplomata ressalta que a tendência mundial é de que as economias sejam mais abertas. Proteções nacionais por meio de sobretaxas como

as utilizadas pelo Governo Brasileiro tendem a desaparecer no prazo de 20 anos. Até lá, o País precisa tornar sua indústria a mais competitiva possível.

"Uma forma de conseguir isso é por meio da introdução de alta tecnologia. E o Japão tem interesse em investir na transferência tecnológica", diz. Segundo ele, novos ramos industriais têm crescido no Japão e buscam ca-

minhos para expandir. É o caso de empresas de informática e do setor de serviços, por exemplo.

Foi em busca desses potenciais investidores que uma comitiva da Suframa esteve no Japão no final de maio. O superintendente Thomaz Nogueira detalhou as vantagens que o Amazonas oferece durante o seminário "Invest in Brazil". A expectativa do Ministério do Desenvolvi-

mento Indústria e Comércio Exterior (Mdic) é que o seminário resulte em investimentos e cooperação entre os dois países.

Naganuma ressalta que o Brasil concorre com outros países pelos investidores nipônicos, mas leva boa vantagem. "O Japão já ocupa importante espaço na indústria e na identidade brasileira. Essa base é muito importante", afirma.



Cônsul geral Hajime Naganuma vê parceria como extremamente favorável

Indústria solidária

O presidente do Centro da Indústria do Amazonas (Cieam), Wilson Périco, e o diretor da Real Bebidas, Ricardo Pio, no estande de arrecadação de doações da campanha de ajuda às vítimas da enchente. A campanha foi organizada pela Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam), pelo Cieam e pela Câmara de Comércio e Indústria Nipo-Brasileira do Amazonas.

A Real Bebidas fez a doação de água e refrigerantes. Ao todo, foram arrecadados 115 toneladas e alimentos pelas empresas (cerca de 30) do Polo Industrial de Manaus (PIM). A entrega simbólica dos donativos à primeira dama do Amazonas, Nejmi Aziz, foi realizada no Clube do Trabalhador do Sesi, com a presença de executivos das empresas participantes da campanha.



Empreendedorismo local

Em menos de dez anos, a pequena loja de artefatos metálicos tornou-se a indústria líder do setor na região Norte. A Amazon Aço é um dos exemplos da face amazonense da ZFM.

Quando a Zona Franca de Manaus (ZFM) começou a crescer na década de 70, grandes multinacionais associaram-se a empresários locais para montar suas plantas. E dessa forma, o capital local participava do projeto, ainda que em papel coadjuvante. Foi assim em empresas como Sharp, Yamaha e Toshiba. Hoje, 45 anos após essa leva inicial de investidores, consolidou-se a primeira geração de empreendimentos 100% regionais, com empresas de origem local e gestores que são a cara da região.

Apesar de relativamente poucos diante do tamanho do Distrito Industrial, são empreendimentos que retratam de forma fiel a criatividade do empresariado local. A Amazon Aço, dos sócios Valdenir Magalhães Melo e Daniel Tomiasi, é um exemplo desse novo momento. A empresa foi

NÚMEROS

450

FUNCIÓNÁRIOS

Empresa opera sob encomendas e mantém estoque dos produtos mais demandados.

30%

FATURAMENTO

Fatia expressiva do faturamento se refere a vendas para outros Estados e regiões.



Após rápida ascensão no mercado, empresa está pronta para ir mais longe e projeta investimentos

fundada em 2003, inicialmente como uma pequena loja na avenida Costa e Silva, onde Valdenir e Daniel comercializavam produtos de ferro e aço no mercado de Manaus e região. Não demorou para os sócios perceberem novas oportunidades de negócios nesse ramo.

Para atender demandas específicas, ele começaram a equipar a loja para produção própria de alguns itens, como telhas e perfis metálicos. A resposta do mercado foi tão boa

que, apenas cinco anos após a abertura da empresa, em 2008, a Amazon Aço expandia seus negócios para a área industrial.

FÁBRICA

A fábrica da Amazon Aço preencheu um vazio no Distrito Industrial, dando suporte à produção de bicicletas, equipamentos de fitness, estamperia, móveis tubulares, estruturas metálicas e à construção naval, setores que até então precisavam importar insumos de outras re-

giões, onerando a produção. A Amazon Aço surgiu, então, como a única fabricante da Região Norte, de tubos de aço, perfis, chapas, slitters e conformados de aços planos em geral.

"Muitas indústrias compravam de fora, então conseguimos atender parte dessa demanda", diz Valdenir Magalhães. Com apenas quatro anos de atuação no mercado, a empresa já é uma referência no setor. Além de vender para o Distrito Industrial, para a construção naval e para a construção civil, entre 30% e 35% do faturamento é proveniente de vendas para os demais Estados do Norte e também da outras regiões.

As linhas de produção geram emprego para aproximadamente 450 funcionários em uma área de 15 mil metros quadrados. Os sócios planejam uma nova expansão dos negócios.

O professor e cientista Manuel Cardoso, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), sugere que empresas como Amazon Aço, Flex e Tuti Plast, entre tantas outras aqui instaladas, tenham tratamento diferenciado, uma vez que estimulam a economia local de forma de forma mais intensa e não contam com os mecanismos internacionais de financiamento utilizados pelas multinacionais.

No MBA da vida

Especialistas concordam que várias habilidades relacionadas ao empreendedorismo podem ser aprendidas, mas certos traços de personalidade precisam estar presentes desde o início para quem busca o sucesso nos negócios. Eles podem ser mais determinantes que cursos de MBA, de idiomas ou de gestão.

Valdenir Magalhães, 35 anos, estudou com muita dificuldade até o Ensino Médio. Com 14 anos, órfão de pai, tinha que trabalhar para ajudar a mãe e a irmã. A família veio do Ceará no início da década de 80 em busca de melhores oportunidades de vida. Seu primeiro emprego foi numa loja de ferragens, onde começou como ajudante.

Passou pelos vários setores do empreendimento, foi operador de máquinas, trabalhou na expedição e chegou ao setor de vendas. "Isso me ajudou muito, foi minha grande escola", conta.

ZFM: os indicadores da desindustrialização

Nos quatro primeiros meses de 2012, a produção industrial de Manaus sofreu queda de 6%, com destaque para motos, TV e linha branca, a despeito das reduções de IPI neste setor ser concedida há mais de seis meses. O polo de duas rodas despençou nas vendas e a produção beirou a redução de 10%. Os dados, objetivamente, não constituiriam razão de sobressalto não fossem as demais sinalizações do modelo na linha do desemprego e da desarticulação de projetos e revisão de investimentos. Sem alarmismo, muito menos ingenuidade, podemos dizer que o processo de desindustrialização está a caminho, tendo em vista que alcança dois segmentos que restaram dos oito polos que floresceram na Zona Franca de Manaus em momentos não distantes. Qual a relação dessa iminente deba

com aquela ocorrida há cem anos, que desembarcou no esvaziamento da economia extrativista fundada na Hevea brasiliensis, a árvore da fortuna e das folhas do látex por três décadas?

As respostas são múltiplas e os estudos a respeito, apesar de difusos e fragmentados, caminham numa só direção, onde emerge e se escancara uma incapacidade atávica de inovar pela tecnologia a agregação de valor aos bens produzidos, fator de diversificação industrial, comercial e de serviços e interiorização da economia. Assim como no apogeu e quebra do ciclo gomífero, negligenciamos o dever de casa, embalados pela preguiça do glamour, de quem se apressou em deitar na fama da cama que improvisou. A história se repete como farsa ou como tragédia, parodiando

o pensador austríaco sobre os ciclos da quebra e do Capital?

Como sustentar e consolidar um modelo que repassa – em nome de uma renúncia fiscal questionável - 53% de seus resultados aos cofres federais e tem que responder pelo amparo socioeconômico de quase todas as demandas regionais, descuidando sistematicamente de sua alimentação estratégica, infraestrutural e tecnológica, que são as condições essenciais de seu adensamento e perenização? Priorizamos e nos deleitamos no imediatismo dos frutos do segmento industrial, negligenciando os demais pilares de sustentação da economia, o comércio/serviços e o setor agrícola. Abrimos mão do Projeto Suframa de Entrepósito Aduaneiro Intercontinental, nos moldes do Panamá, que teria o tempero

adicional de oferecer ao consumidor global o fascínio florestal. Um polo de serviços, que se complementaria no centro estratégico da Amazônia - através do fomento de múltiplos entrepostos, ou conglomerados multidisciplinares amazônicos, de Ciência, Cultura, Lazer, Turismo, apostando - pra citar uma proposta densa - nas linhas conceituais básicas e promissoras do Proecotur, uma iniciativa grandiosa de turismo e ecoturismo para a região, engavetada pela pequenez e miserabilidade política habitual. Na mesma lógica da negligência, patinamos, há mais de uma década, na implantação do polo de bioindústria, para inserção dos produtos da biodiversidade na cadeia produtiva da Zona Franca de Manaus.

Vivemos uma era perversa de imediatismo político

na conquista de resultados, onde planejar com médio e longo prazo é incompatível com esse modo tacanho de ordenar a polis, que tolera, no máximo, o arco de realizações e colheitas no limite estreito de dois mandatos. Por isso, planejar, maturar e implantar nova matriz energética, utilização sustentável com agregação de valor de novas cadeias produtivas de minérios, de silvicultura, aquíicultura, são, desse ponto de vista vesgo e tacanho, caminhos a evitar. Planejamento estratégico só na prorrogação da preguiça fiscal, num frontal descaço com a sábia ponderação de Albert Einstein, segundo a qual, é apenas no dicionário que o sucesso antecede o trabalho. É hora de arregañar as mangas.

(*) Alfredo é filósofo e consultor ambiental.



Alfredo MR Lopes
Filósofo e consultor ambiental

“
Sem alarmismo podemos dizer que o processo de desindustrialização está a caminho”

Arthur Virgílio Neto 'Só com amplo apoio'



NAFERSON CRUZ
Equipe EM TEMPO

Ainda sem uma decisão fechada, o ex-senador e diplomata Arthur Virgílio Neto (PSDB) afirma que sua pré-candidatura à Prefeitura de Manaus, se confirmada, será pelo anseio do povo. Entretanto, o anúncio oficial somente acontece dia 15, na próxima sexta-feira. Aos 66 anos, Arthur Neto ainda luta para reaver sua cadeira no Senado e credita aos seus adversários a "mancha" à sua carreira política, que criaram com o episódio da retirada dos camelôs do centro da cidade, há mais de duas décadas, quando foi prefeito de Manaus.

EM TEMPO - O senhor é candidato ao cargo de prefeito de Manaus ou está sendo pressionado pelo seu grupo político?

Arthur Virgílio Neto - Pelos companheiros, não. Por amplos setores da sociedade, sim. Quanto à decisão final, ela será tomada até dia 15 de junho e anunciada amplamente à sociedade manauense. A convenção do PSDB será no dia 30 e, portanto, estamos trabalhando com tempo e no tempo certo.

EM TEMPO - O senhor não tem receio que o PSDB saia enfraquecido destas eleições?

AVN - Não posso, jamais, temer o julgamento popular. Apanhei nas ruas para se ter liberdade neste país. Fui preso porque lutava por democracia. Meu pai teve seu mandato de senador cassado e sua brilhante carreira interrompida, aos 48 anos apenas, pela força, pelo arbítrio. Minha casa foi invadida pela polícia política do Rio de Janeiro, em 1965. Agora temos democracia e devemos fazer tudo para fortalecê-la e honrá-la. Daí o meu respeito pelas decisões populares, sempre.

EM TEMPO - O senhor dificilmente disputa a sucessão majoritária. Isso se deve à mancha no passado, causada pela situação que envolveu os camelôs?

AVN - Para começar, a retirada dos camelôs do Centro não é "mancha" nenhuma. Mancha é corrupção, é lavagem de dinheiro, é evasão de divisas, é enriquecimento ilícito. A retirada dos camelôs foi uma ação de governo, necessária e altamente aprovada à época pela população da cidade. Depois, quando eu já não tinha mais mandato, fizemos torpe campanha de demonização desse gesto, tentando

criar a falsa imagem de que eu não seria "amigo dos pobres" e "filho da elite do Amazonas". Pratiquei intervenções, claro que impopulares, em feiras. Fechei hotéis insalubres no Centro. Não sou de adiar soluções ou fugir de problemas. Abri espaço para quase 500 camelôs na feira do São José 2, construí o minishoping da Compensa, que é um núcleo alternativo de comércio.

EM TEMPO - E quanto à disputa da sucessão majoritária?

AVN - Quanto a disputar ou não as eleições majoritárias: disputei duas para o governo, duas para o Senado e, para a Prefeitura de Manaus, uma até agora. Não temo disputá-las. Mas não tenho "tara" por estar perto de cofre público. Tem gente que só pensa no Executivo. Acho até estranho e perigoso isso. Saio dos cargos públicos que ocupo com a mesma honradez com que neles entrei.

EM TEMPO - Na última eleição, em 2010, o PSDB se aliou com o PPS. Essa coligação pode se repetir no pleito deste ano?

AVN - Não vejo possibilidades, nesta eleição, de PSDB e PPS marcharem juntos no primeiro turno, em que pese o respeito que tenho por seus militantes e seus líderes, como Guto Rodrigues, Luiz Castro, José Maria, assim como mantenho relação de carinho com o jovem Hissa, que se elegeu vereador e imediatamente me procurou para fazer estágio nos meus gabinetes de senador e de líder tucano, em Brasília. Achei muito louvável sua iniciativa.

EM TEMPO - O senhor moveu um processo eleitoral para reaver a vaga no Senado, conquistada pela atual senadora Vanessa Grazziotin. Como o senhor avalia o andamento do processo?

AVN - Apenas um reparo: não movi processo algum contra ninguém. O Ministério Público Eleitoral é que elaborou cinco peças, denunciando as fraudes absurdas que mancharam as eleições de 2010 para o Senado. O que fiz, exercitando um dever e um direito, foi entrar na lide como assistente do próprio MPE. Vejo que dois desses processos, um sendo trabalhado em Manaus, no TRE, e outro em Brasília, no TSE, estão andando muito bem, garantindo o mais amplo direito de defesa à parte acusada. As provas são, a meu ver, irrefutáveis e, pelo que vemos nas decisões de ambas

“

A retirada dos camelôs do Centro não é "mancha" nenhuma. Mancha é corrupção, é lavagem de dinheiro, é evasão de divisas, é enriquecimento ilícito. A retirada dos camelôs foi uma ação de governo, necessária e altamente aprovada à época pela população”



Arthur Virgílio Neto 'Só com amplo apoio' (continuação)

as cortes, as possibilidades de que gestos exemplares e rigorosos sejam adotados são concretas e fortes.

EM TEMPO - Falta postura para a oposição no Amazonas? Qual seria a alternativa formar uma superbancada?

AVN - Não vejo a oposição no Amazonas desprovida de postura. Na Câmara Municipal, por exemplo, o vereador Mário Frota cumpre mandato combativo, presente e firme. Na Assembleia, onde o deputado Artur Bisneto se conserva em posição de independência, diante do Executivo estadual, temos os mandatos igualmente construtivos, dos que fazem oposição aberta: Marcelo Ramos, José Ricardo e Luiz Castro. Na Câmara Federal, o deputado Pauderney Avelino, vice-líder do DEM, atua com correção e coerência. O deputado Francisco Praciano, que é situação no plano federal, é rigoroso fiscal do governo do Estado e da Prefeitura de Manaus. Isso sem contar os que estão momentaneamente sem mandato, como eu próprio, o Serafim (Corêa) e outros mais. Oposição não é destruir ou criticar por criticar; é defender posições e princípios, pensando no país, no Amazonas, em Manaus, em primeiro lugar.

EM TEMPO - Na sua opinião, o governo petista está perdendo a oportunidade de realizar reformas profundas e coerentes no Brasil?

AVN - Está e isso é lamentável, porque o modelo paliativo que tem sido posto em prática não garantirá nem estabilidade econômica e nem crescimento duradouro para a economia brasileira. O que garante o desenvolvimento é aumentar a taxa de poupança para aumentar a taxa de investimento; é recuperar a infraestrutura falida; é investir em inovação. Artificializar o consumo, visando induzir o crescimento é página virada. Nunca deu certo em lugar nenhum. Não dará certo aqui.

EM TEMPO - O senhor se sente derrotado pelo ex-presidente Lula, uma vez que ele ajudou diretamente na campanha de seus adversários na última eleição no Amazonas?

AVN - Às vezes a gente perde ganhando e às vezes ganha perdendo. Eu, por exemplo, jamais aceitaria ser beneficiado pela máquina de corrupção que se movimentou contra uma pessoa só, desarmada, que, ainda assim, teve a votação consagradora que teve, inclusive, apesar de to-

dos os pesares, vencendo em Manaus. Quanto ao ex-presidente Lula, ele que fique com seus rancores e suas vinganças. Prefiro ficar com minhas convicções e com a minha coerência. Se eu fosse um adepto a mais na política, que está suja entre outras coisas, porque a convicção praticamente desapareceu, alguém duvida de que, apoiado por Lula, talvez o senador seria mais votado do pleito?

EM TEMPO - Como o senhor observa a questão do mensalão. O senhor acredita na punição dos envolvidos no caso pela Justiça?

AVN - A sociedade inteira, com ansiedade e esperança, espera o julgamento do mensalão, que se constitui no maior escândalo da história republicana brasileira. Acredito que se fará dura justiça. Faço parte do grupo numeroso de brasileiros que espera viver o suficiente para ver uma política mais limpa, menos cínica, menos "pragmática", mais séria.

EM TEMPO - Falta postura da Prefeitura de Manaus em relação à Zona Franca de Manaus?

AVN - Se prefeito de Manaus, meu posicionamento será mais proativo. Fui bastante atuante no Conselho da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa). Lutarei pela Zona Franca de Manaus sempre, com ou sem mandato popular. O fundamental é o prefeito ser respeitado, ter mão firme, autoridade, força política e moral, para fazer o melhor pelo povo e pela cidade. É combater a corrupção e o desperdício. Por exemplo, das 31 secretarias atuais, o governo do PSDB manterá apenas 16. Sobrará dinheiro para obras prioritárias numa cidade que requer funcionários bem pagos, reciclados, premiados no mérito, além da dedicação à qualificação dos profissionais dos manauenses em geral.

EM TEMPO - Qual sua relação com o governador Omar Aziz? Há alguma aproximação política com ele?

AVN - Somos amigos pessoais, considero-o um forte eleitor. Sua esposa, a Nejmi, é uma ferinha no meio do povo. Até hoje ainda não vi uma primeira-dama que ajudasse tanto o marido. Seria ótimo se apoiassem. Não apoiando, o jeito é enfrentá-los com força e respeito. Nessa última hipótese, sei que arranjarão muitos votos contra nós... O que não quer dizer que nos derrotarão.

“

Não tenho "tara" por estar "berto" do cofre público. Tem gente que só pensa no Executivo. Acho até estranho. Saio dos cargos públicos com a mesma honradez com que neles entrei”

“

O fundamental é o prefeito ser respeitado, ter mão firme, autoridade, força política e moral, para fazer o melhor pelo povo e pela cidade. É combater a corrupção e o desperdício”

Desfalcada, Comissão de Ética julga ministro Fernando Pimentel



INFLUÊNCIA
Pimentel faturou R\$ 2 milhões
com consultoria, metade
paga pela indústria mineira

O presidente da Comissão de Ética, **Sepúlveda Pertence**, aguarda a nomeação de conselheiros pela presidente Dilma Rousseff

Titular do MDIC é investigado por tráfico de influência

TEXTO Agência Estado
FOTO José Cruz/ABr/26/03/08

MANAUS

Desfalcada, a Comissão de Ética da Presidência da República se reunirá nesta segunda-feira para retomar a análise do processo contra o ministro do Desenvolvimento, Fernando Pimentel, que faturou R\$ 2 milhões com consultoria, entre 2009 e 2010. Na mesma reunião, a comissão deve avaliar as novas representações do PPS e do PSDB em relação à denúncia de que Pimentel usou um avião fretado

pelo empresário João Dória Júnior, no ano passado. A comissão já atuará sem o conselheiro Padre Ernanne, cujo mandato se encerrou na última terça-feira. Até o mês que vem, a Comissão de Ética Pública, que tem sido bastante demandada nos últimos tempos com suspeitas rondando autoridades, sofrerá mudanças na sua composição. Neste mês também se encerra o mandato do conselheiro Roberto Caldas, eleito para a Corte Interamericana de Direitos Humanos. Tanto Caldas quanto Padre Ernanne já tiveram o mandato renovado e não podem mais

ser reconduzidos.

No dia 13 de julho, acabam os mandatos dos conselheiros Humberto Gomes de Barros, Marília Muricy e Fabio Coutinho. Os três podem ser reconduzidos, mas Gomes de Barros, que está afastado por motivo de saúde, não ficará na comissão.

A presidente Dilma Rousseff está avaliando os nomes dos novos conselheiros. Em fevereiro, o presidente da comissão, Sepúlveda Pertence, mandou ofício à presidente, alertando sobre as cinco vagas que serão abertas a partir deste mês, em um colegiado com sete membros.

FUCAPI



O que a medicina e a tecnologia da informação têm em comum?

Médicos recém-formados costumam fazer mais uma imersão em seus prolongados estudos num programa em que, sob orientação de profissionais experientes, participam da Residência Médica, que confere ao médico residente o título de especialista. A FUCAPI, que tem como principal missão o desenvolvimento tecnológico da Região Amazônica, realiza algo similar qualificando recursos humanos para a área de tecnologia da informação.

Para atender a esta missão, desde 2008 a FUCAPI realiza um programa de residência em software por meio de um curso de pós-graduação lato sensu ministrado em 18 (dezoito) disciplinas, concluído com um trabalho final de curso, nos padrões de monografia, a ser realizado na Fábrica de Software da FUCAPI. Os professores são colaboradores da instituição e possuem experiência profissional reconhecida para participar do programa. Os alunos são escolhidos por meio de processo seletivo, restrito a finalistas da área de Ciências Exatas. Além das aulas teóricas, os alunos terão a disponibilidade de desenvolver trabalhos práticos nos projetos realizados pela Fábrica de Software da FUCAPI, utilizando ferramentas e equipamentos disponíveis neste setor.

A Residência em Software é direcionada para graduados dos cursos de computação, informática e engenharias. Seus objetivos são, por intermédio da concessão de bolsas de Residência para a área de desenvolvimento de software, apoiar e promover a consolidação de programas de Especialização Tecnológica, aumentar o número de profissionais nessa área, fomentar a competitividade e a presença de empresas nacionais nos mercados local e global para o setor de software e serviços correlatos.

O programa é estruturado em duas fases. A primeira fase, que compreende a formação teórica, é constituída de cursos modulares,

com uma carga de 502 horas mais trabalho de conclusão. Na fase prática, os residentes serão inseridos diretamente nas atividades de desenvolvimento de software da FUCAPI. Em 2008/2009, a FUCAPI executou sua primeira edição de Especialização com Residência em Software, com projeto aprovado pelo CNPq-Residência. Os residentes estudam em tempo integral, no período de um ano, com aulas teóricas e práticas. As bolsas de estudos são financiadas por meio de parcerias entre a FUCAPI, FAPEAM e CNPq.

Na ocasião, a FUCAPI foi contemplada com 30 bolsas de Residência, e executou seu processo de formação na área de Desenvolvimento de Sistemas WEB, uma necessidade imediata da FUCAPI, que presta serviços de desenvolvimento de sistemas para várias empresas e instituições do Polo Industrial de Manaus, entre elas a SUFRAMA. A primeira turma formou 27 profissionais em Desenvolvimento de Software, mais de 50% aproveitados para o quadro funcional da FUCAPI. Os demais foram contratados por outras empresas de base tecnológica em Manaus. A segunda turma iniciou em 2010, com 28 residentes trabalhando em projetos reais que serão utilizados internamente pela FUCAPI.

Ou seja, o financiamento do estudo de alunos e recém graduados dá fôlego para a FUCAPI continuar sua missão de desenvolver o homem amazônico, uma vez que a quantidade de profissionais formados a cada ano é insuficiente, forçando empresas locais a importar mão-de-obra de outros centros quando disponíveis. Hoje, o mercado do sul e sudeste busca em Manaus mão-de-obra qualificada, o que também dificulta a captação de novos recursos no mercado de trabalho para projetos demandados à FUCAPI. Dessa forma, uma terceira edição de um Programa de Residência contribuirá de forma significativa, pois ajudará a atender tal demanda.

Polo de Duas Rodas em crise

Vendas despencam, produção encolhe e políticos tão nem aí

Só quem é cego ou mal intencionado se recusa a ver que o processo de desindustrialização da Zona Franca de Manaus está em pleno vapor, com a ajuda do governo federal e a absoluta omissão e passividade da bancada parlamentar. O polo de motocicletas, que sustenta, juntamente com o de TV, o faturamento da ZFM está fazendo água, e o de televisão está trocando seis por meia dúzia pra sobreviver, enquanto deputados e senadores priorizam conchavos, barganhas e futricas para as próximas eleições. Dona Dilma acende uma vela pra prorrogação dos incentivos e outra para as medidas provisórias que compartilham os benefícios fiscais do modelo com a indústria do Centro-Sul do país.



O vento e a tempestade

Ficamos, há mais de quatro décadas, sob a brisa dos incentivos, adiando para depois de amanhã, a formulação do Plano B, que fosse BOM para a Amazônia e sua vocação econômica e ambiental. Semearmos o vento e é mais do que natural

colhermos a tempestade. As perdas na produção chegam a 9,7%, nos cinco primeiros meses deste ano e, embora ninguém comente, o desemprego há muito já bateu em nossas portas. O segmento nacional de motocicletas instalado no Polo

Industrial de Manaus (PIM) já acumula perdas de 13,1% nas vendas no atacado e de 9,7% na produção, nos cinco primeiros meses deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado. O principal motivo, porém, não é a restrição ao

crédito, anunciado em 2011 e revisto na semana passada. O motivo é a abertura de duas novas fábricas no Nordeste, para exportação, com um "residual" de 50% para venda no mercado interno. Quem vai querer continuar em Manaus?



Nova crise

É em verdade que a crise europeia é praticamente mundial pois joga suas sombras e cinzas por todo os demais continentes. O setor levou três anos para superar os efeitos da crise econômica de 2008, segundo a Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetes, Bicicletas e Similares (Abraciclo). Segundo a Abraciclo, foram comercializadas 151.316 unida-

des em maio deste ano, 22,5% abaixo das 195.307 vendidas no mesmo mês de 2011 e 9,2% acima do volume registrado em abril (138.608). No acumulado, 2012 registra 758.417 motocicletas comercializadas, ante 872.689 unidades de 2011. Já com relação à produção, foram fabricadas em maio deste ano 171.739 motocicletas, 15,8% a menos do que o alcançado no mesmo mês de 2011.

Polo de Duas Rodas em crise (continuação)

Com a facilidade do crédito, que priorizou a indústria automobilística, é verdade, a esperança é que a crise seja amenizada. Apesar da baixa no comparativo ano a ano, os números são 17,9% maiores do que os registrados em abril, quando foram fabricadas apenas 145.697 unidades. No período entre janeiro e maio, saíram das unidades fabris 826.981 motocicletas, ante 915.584 no ano passa-

do. De acordo com a entidade, foram exportadas, em maio, 10.238 motocicletas, 16,3% acima do registrado em abril (8.804). No comparativo com o mesmo mês do ano passado, quando foram comercializadas ao mercado externo 6.725 unidades, o avanço é de expressivos 52,2%. O acumulado do ano (41.515 unidades) já está 56,6% superior ao alcançado em 2011 (26.517).

A hora e a vez do Acre

As ZPEs caracterizam-se como áreas de livre comércio com o exterior, destinadas à instalação de empresas voltadas para a produção de bens a serem comercializados fora do Brasil, sendo consideradas zonas primárias para efeito de controle aduaneiro.

É a Lei 11.508/2007 que dispõe sobre o regime tributário, cambial e administrativo das Zonas de Processamento de Exportação. 80% da produção de uma empresa dentro da ZPE deveria ser exportada, apenas 20% pode ser comercializada dentro do país.

Cerceamento da área

Com a implantação do polo de duas rodas, o percentual passa a 50%. O pedido de alfandegamento foi feito após a concretização de uma série de exigências feitas pela legislação como o cercamento da área, a construção dos prédios da administração, instalação do sistema de vigilância e do software, entre outras coisas. Segundo o presidente da Federação das Indústrias do Acre, Carlos Sasai, “mais

de 30 empresas já estão inscritas, 10 já foram selecionadas”. As possibilidades são gigantescas. Com a conclusão da Estrada Transoceânica que liga o Brasil ao Peru e o Pacífico, a abertura definitiva da BR-364 integrando todo o estado, além de propostas como a criação de uma estrada de ferro de 150 quilômetros ligando o Peru a Cruzeiro do Sul, esse é o momento certo para investir no Acre.